

2ª EDIÇÃO | Fev. 2026

REVISTA
COMPAIXÃO

HEITOR,

Quando acolher
transforma tudo.



Obras Sociais
Missionários da
compaixão

REVISTA COMPAIXÃO

**Publicação trimestral
das Obras Compaixão**

Textos: Rosa Brito

Fotos: Guilherme Moreira

Edição: Leo Marques

Projeto Editorial: Captamais Consultoria

Endereço: 1ª Travessa Santo Agostinho, 70
– São Cristóvão, Salvador – BA

Telefone: 71 98855-0056

E-mail: contato@compaixao.org

www.compaixao.org



As Obras Sociais Missionários da Compaixão são uma instituição católica, sem fins lucrativos, que há 25 anos atua em Salvador.

Nossa missão é promover dignidade, cidadania e transformação social por meio de projetos nas áreas de educação, saúde, assistência social e geração de renda, sempre pautados pelos valores do Evangelho. A compaixão e o cuidado com os mais vulneráveis da sociedade orientam cada ação e definem nossa forma de estar no mundo.

A mística da Compaixão é servir a Deus através dos pobres. Com escolas comunitárias, unidades de saúde, centro de reabilitação e iniciativas inovadoras — como o Centro Especializado Menino Jesus (CER II) — alcançamos diariamente centenas de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Mais do que atender, buscamos acolher, cuidar e transformar vidas, sendo presença concreta do Evangelho no cuidado com o próximo.



**INDIQUE
UM AMIGO**

A missão de cuidar e servir cresce
quando partilhamos o bem.

Convide amigos e familiares para receberem gratuitamente a Revista Compaixão e conhecerem histórias de fé, solidariedade e esperança através do
WhatsApp 71 98855-0056.



Obras Sociais
Missionários da
compaixão



CARTA AO LEITOR

Incluir é amar de verdade.

Quando abrimos as portas das nossas escolas, acreditávamos que sabíamos o que era acolher. Oferecer vaga, garantir alimentação, estar presente. Tudo isso importa, claro. Mas a vida nos ensinou que acolher vai muito além.

Acolher de verdade é reconfigurar os espaços, os tempos e os corações para que cada criança caiba por inteiro. É entender que não basta estar na escola: a escola precisa estar preparada para recebê-la como ela é. É reconhecer que uma criança com deficiência visual não precisa apenas de uma sala de aula, mas de materiais adaptados, de cuidado especializado, de uma equipe que conversa, planeja junto e não deixa ninguém para trás.

Isso não acontece no discurso. Acontece no gesto concreto. Em uma sala reorganizada, em um material adaptado, em uma equipe que se dedica a aprender de novo. Acontece quando a professora aprende Braille, quando a fonoaudióloga caminha ao lado do pedagogo, quando a assistente social escuta a família. Quando educação e saúde deixam de ser serviços isolados e se tornam uma rede que conversa, se integra e acompanha.

Acolher de verdade é um compromisso que não termina quando toca o sinal. Não é abrir a porta na hora da aula e fechá-la ao final do dia. É estar ali sempre, durante toda a vida. É a decisão de que, quando uma criança deixa a escola, ela não deixa a instituição, mas continua sendo cuidada, acompanhada e transformada.

Nesta edição, compartilhamos histórias que nos ensinam o que é, de fato, incluir. São relatos de quem se transformou ao transformar o outro. De quem descobriu que inclusão é justiça. E que justiça, muitas vezes, significa oferecer mais atenção, mais cuidado e mais presença a quem precisa mais.

Desejamos falar aos corações. Aos que sentem a presença de Deus e se deixam guiar pelo cuidado. Porque todo ser humano tem algo a oferecer e algo a compartilhar. Que esta leitura seja um convite à partilha — e também um chamado para acreditar que um pequeno gesto pode transformar uma realidade inteira.

Porque ter compaixão é isso: enxergar a dor do outro e caminhar em sua direção.

Gilmar de Oliveira
Presidente Executivo



A COMPAIXÃO DE HEITOR

Heitor não chegou pedindo inclusão. Chegou pedindo presença. E foi a partir desse pedido silencioso que uma escola inteira precisou reaprender a acolher.

Heitor nasceu com a síndrome de Crouzon, uma condição genética rara que afetou sua fala e, com o tempo, sua visão. Quando ele deixou de enxergar, ficou claro que garantir uma vaga não seria suficiente. A escola precisou se reorganizar, aprender de novo e construir caminhos onde antes não havia respostas prontas. O cuidado passou a acontecer no detalhe, no gesto cotidiano, na decisão consciente de não deixar ninguém para trás.

Esta é a história de um menino acolhido por inteiro — na escola, no Centro Especializado em Reabilitação Menino Jesus e no projeto de futuro que começa a ser construído para além da sala de aula. Uma história que revela o que acontece quando educação e saúde caminham juntas, quando equipes conversam entre si e quando o acolhimento deixa de ser discurso para se tornar compromisso.



Na sala de aula, o pedagogo Tiago Divino se concentra em uma pesquisa no chão. Ele não busca referências em livros, mas cria uma solução. Abre o Word, desenha células Braille, imprime e, com tinta de alto relevo, aplica os pontos um a um. Espera secar. Não é improviso, é criatividade preenchendo a ausência de uma máquina Braille, um equipamento essencial para que Heitor possa aprender a ler.

A tinta seca lentamente. Tiago confere a firmeza dos pontos com os dedos e leva a folha para a sala. Heitor desliza as mãos sobre o papel, reconhece uma letra e sorri. É assim que ele lê desde que seus dedos se tornaram seus olhos, um divisor de águas em sua jornada de aprendizagem.



A perda da visão

Heitor nasceu com a síndrome de Crouzon, uma condição genética rara que afeta a formação do crânio. No caso dele, a fala e a visão foram as mais afetadas. Aos quatro anos, após uma cirurgia indispensável, Heitor perdeu completamente a capacidade de enxergar. Quando chegou à creche São Paulo, uma das unidades educacionais das Obras Compaixão, em 2022, ainda possuía baixa visão. Em 2024, já não enxergava mais, mas sua comunicação limitada impedia que os outros percebessem a profundidade de sua cegueira.

Uma escola reinventada

Quando Tiago Divino chegou à escola, em março de 2025, encontrou Heitor, que mesmo tendo uma professora exclusivamente para ele, ainda era feito atividades em uma mesa individual, afastado das outras crianças. A equipe, sem experiência com deficiência visual, acreditava que ele precisava de espaço. As professoras, supondo que Heitor ainda tivesse baixa visão, preparavam letras grandes e materiais táteis que já não lhe serviam.

O aprendizado não podia esperar. Após uma formação no Instituto dos Cegos, Tiago voltou com um plano. A primeira mudança foi tirar Heitor da mesa isolada. “A gente só aprende a ser humano vivendo com outros seres humanos”, explica Tiago. Heitor precisava aprender sobre limites, brincar e ser corrigido. Como toda criança.

Depois, veio a autonomia. Heitor chegava no colo da mãe, mas precisava sentir o chão. Tiago, então, criou uma bengala artesanal com um cavalinho na ponta, um guia lúdico para que o menino pudesse caminhar sozinho. A autodescrição também virou protocolo: antes de tocá-lo, avisar; ao entrar na sala, apresentar-se. Não por fragilidade, mas por respeito.

Eluciene Holzmann, auxiliar de classe, é quem acompanha Heitor dia a dia. Ela aprendeu a linguagem do cuidado que Tiago propôs: descrever cada movimento, cada atividade, cada presença. “Tudo que a gente faz com ele, a gente avisa primeiro”, explica Eluciene. “Ele precisa saber o que está acontecendo ao seu redor. Ele é um ser humano completo.”

O passo mais urgente era o Braille. Sem uma máquina de R\$ 15 mil, um alto custo para a instituição filantrópica naquele momento, Tiago criou seu próprio método com tinta relevo. Heitor lia, mas ainda não escrevia. Eluciene aprendeu a técnica. “Aprendi Braille aqui, com o professor Tiago”, conta. “E aprendi muito com Heitor também. Foi uma troca de excelência.”



Tiago Divino, pedagogo
nas Obras Compaixão

A transformação de Heitor não aconteceu apenas na escola. Foi o resultado de uma integração entre a educação e o Centro Especializado em Reabilitação Menino Jesus (CER). Nas Obras Compaixão, Heitor é acolhido em dois lugares que conversam entre si, que planejam juntos e que lutam para não deixar ninguém para trás.

Gilcimara Oliveira, coordenadora de saúde da instituição, e que acompanha bem de perto as atividades do CER, explica como a engrenagem funciona. “A gente realizou a construção de um plano terapêutico, o PETS, onde definimos metas e objetivos a serem alcançados a cada três meses”, detalha. “Ele é construído juntamente com a família, que recebe orientações de como estender a assistência em casa.”

Heitor é assistido semanalmente por uma fonoaudióloga e uma assistente social. A limitação, no entanto, é clara. “Nosso centro foi projetado para deficiência intelectual e física. Pacientes com demanda visual, como Heitor, a gente já não consegue assistir como deveria”, admite Gilcimara. Faltam equipamentos e especialidades. Mesmo assim, a união multidisciplinar trouxe resultados concretos.

“O que acontece na escola volta para o CER. O que a gente trabalha aqui, volta para a escola”, explica Gilcimara. “Acredito que tivemos ganhos positivos nos dois aspectos, tanto na saúde quanto na educação, através dessa integração. A psicopedagoga da escola, a fonoaudióloga, a psicóloga, a professora... todos conversando, todos pensando em Heitor. Alcançamos os objetivos que tínhamos em comum.”

O mundo ao alcance da voz

Integrado à turma, Heitor floresceu. Na rodinha, ele participa. Reconhece os colegas pela voz e percebe quando alguém falta. “Cadê Ilana? Cadê Pérola?”, pergunta, com a intimidade de quem pertence.

Na cozinha, sua voz ecoa: “Vera, quero comidinha gostosa!”. Ele sabe quem é a cozinheira, onde encontrá-la e como agradecer. Na aula de capoeira, o professor Léo guia seus pés sobre os próprios, ensinando o movimento da ginga. Heitor já aprendeu os passos e canta as músicas da roda. Eluciene observa cada detalhe dessa transformação. “Com frequência ele vem ao nosso encontro com abraços e gestos de carinho, se sente entre os seus e faz questão de retribuir todo o afeto que recebe”.

A mãe, Lucimara, vê a mudança em casa com admiração. “Ele melhorou muito. Ficou muito mais inteligente.” Ela observa o desenvolvimento cognitivo do filho com entusiasmo. Heitor memorizou o alfabeto completo, aprendeu os números e as formas. Mas o que mais a impressiona é a curiosidade dele pela língua inglesa. “Ele aprendeu a contar em inglês, aprendeu o alfabeto em inglês. Agora ele quer ouvir conteúdos em inglês”, conta Lucimara, com a voz cheia de orgulho.

O futuro que se constrói

Em 2026, Heitor completa seis anos e, por lei, precisará migrar para o ensino regular. A preocupação da mãe mobilizou a equipe. A solução começou a ser desenhada: escola pública pela manhã e, à tarde, retorno à Compaixão para acompanhamento de saúde no contraturno. O desafio agora é estruturar esse novo serviço, com sala adaptada e a tão sonhada máquina Braille. Não é apenas uma transição, é uma promessa institucional de permanência.

Heitor seguirá em acompanhamento terapêutico ao longo da vida, com uma equipe que entende que o cuidado não se encerra em ciclos. Seu legado, no entanto, já ultrapassa sua própria história. A escola se prepara para acolher novas crianças com diferentes deficiências, professores aprendem Libras e sonha-se com um futuro onde todas as crianças saibam Braille.

Heitor não veio para ser incluído. Veio e incluiu uma escola inteira em seu mundo. Ensinou que acolher é um compromisso que não termina quando o sinal toca. É um vínculo que permanece e transforma.

O QUE É A SÍNDROME DE CROUZON

É uma **condição genética rara** que provoca o fechamento prematuro das suturas do crânio, afetando o desenvolvimento da cabeça e da face. Em geral, o desenvolvimento cognitivo não é afetado.





Idoso no Mundo Digital

Quando aprender também é pertencer

O Projeto Idoso no Mundo Digital é um dos projetos para pessoas 60+ das Obras Compaixão. Nele, a tecnologia é apenas o começo. O que se constrói ali vai muito além do uso do celular ou do computador. É um espaço de convivência, escuta e fortalecimento de vínculos, onde pessoas com 60 anos ou mais reencontram autonomia, autoestima e sentido de pertencimento.

Em parceria com a Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria Municipal de Assistência Social - SEMPRE, a iniciativa atende gratuitamente idosos em situação de vulnerabilidade social. Mais do que um curso, o projeto funciona como um Centro de Convivência, onde aprender é também trocar experiências, criar laços e ocupar novos espaços na vida cotidiana.

Em um laboratório estruturado especialmente para as atividades, os participantes aprendem a usar celular, computador, internet e redes sociais, sempre com muito acolhimento e respeito ao ritmo de cada pessoa.

Cada descoberta no curso é acompanhada de perto por uma equipe que entende que o aprendizado acontece quando há paciência, incentivo e confiança.

O cuidado, no entanto, não se limita às aulas de inclusão digital. Oficinas de dança, música, crochê, rodas de conversa e encontros de convivência ampliam as possibilidades de expressão, fortalecem relações e estimulam a participação social.

São momentos de encontro que transformam o espaço em um lugar vivo, de afeto e partilha.

Ao garantir acesso às novas tecnologias, o projeto amplia as formas de comunicação dos idosos com a família, os amigos e a comunidade, fortalecendo a autonomia e promovendo cidadania.

Hoje, cerca de 32 idosos participam das atividades, organizadas em grupos, com encontros regulares, acompanhamento contínuo e momentos de celebração a cada nova etapa concluída.

Graduação de Jiu-jitsu reúne 46 alunos em cerimônia marcada pela emoção

O auditório da Escola Fábio Sandei, em São Cristóvão, foi cenário da cerimônia de graduação do projeto de Jiu-jitsu das Obras Compaixão. Ao todo, 46 crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 17 anos, participaram da troca de faixas, encerrando mais um ciclo de aprendizado, disciplina e crescimento pessoal em 2025.

Ao longo do ano, o esporte passou a integrar a rotina dos alunos como ferramenta de desenvolvimento físico, emocional e social. Para a psicóloga e coordenadora dos cursos da instituição, Letícia Ramos, o Jiu-jitsu fortalece a autoestima, a confiança e o senso de coletividade, consolidando-se como um importante instrumento de inclusão e formação cidadã.

Durante a cerimônia, familiares acompanharam cada etapa da graduação, celebrando as conquistas dos alunos. A troca de faixas simbolizou a evolução técnica e também valores como perseverança, respeito e compromisso.

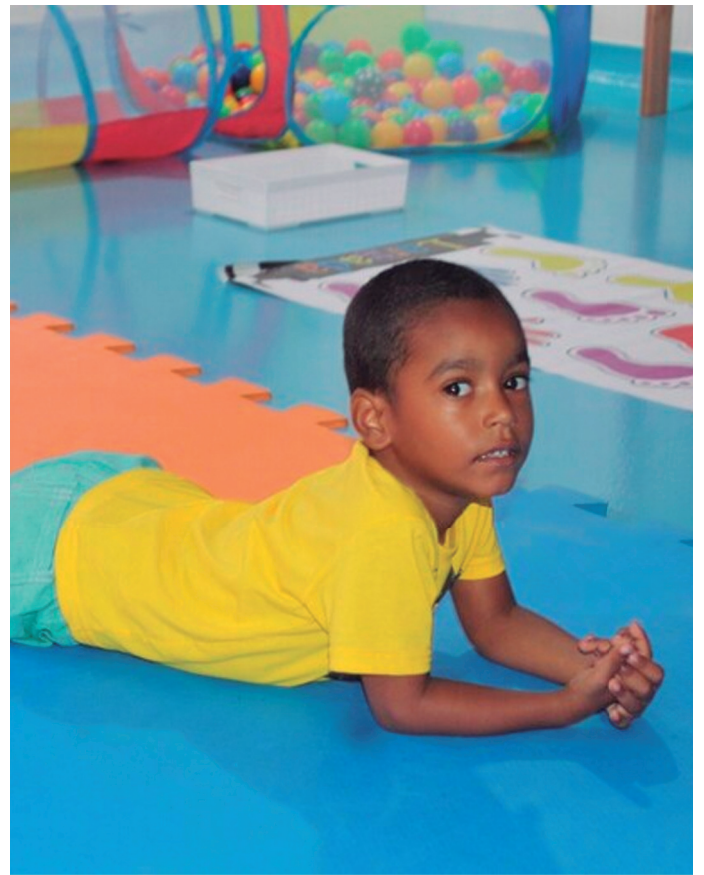


Oficinas de Férias garantem cuidado contínuo no CER II Menino Jesus

Durante o recesso escolar, o CER II Menino Jesus manteve o cuidado com as crianças atendidas pelas Obras Compaixão por meio das Oficinas de Férias. A iniciativa garantiu a continuidade do acompanhamento terapêutico ao longo do mês de janeiro, transformando o período sem aulas em um espaço de convivência, estímulo e ludicidade.

Com uma programação diversificada, as oficinas incluíram atividades como pintura, modelagem, preparo de alimentos, circuitos motores e sessões de cinema. As ações foram planejadas para estimular habilidades motoras, favorecer o desenvolvimento da autonomia e reforçar o treino de Atividades da Vida Diária, sempre respeitando os limites e o ritmo de cada criança.

Conduzidas por uma equipe multiprofissional, as Oficinas de Férias integram uma agenda permanente de ações temáticas desenvolvidas ao longo do ano, fortalecendo vínculos, promovendo bem-estar e oferecendo mais tranquilidade às famílias atendidas.



DOE AGORA PELO QR CODE
AJUDE MILHARES DE CRIANÇAS QUE
PRECISAM DE CUIDADO INTEGRAL.
WWW.COMPAIXAO.ORG

